

NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

uma permeabilidade de fronteiras



Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)

EDITORA

UnB


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),
Jacob L. Mey (Odense University -
Dinamarca), Maria Carmen Aires
Gomes (UFV), Izabella dos Santos
Martins Mendes (UFMG), Janaina
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),
Maria Francisca de Oliveira Santos
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland



Diretor
Alexandre Lima

Conselho Editorial
Presidente
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

Conselho Editorial
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva
Organizadora

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



Equipe Editorial

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

Copyright © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Central da Universidade de Brasília

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

*Ao meu Roberto e a cada Paulo
da minha vida*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA	19
DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO <i>Luiz Antônio Marcuschi</i>	21
DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS <i>Denize Elena Garcia da Silva</i>	37
DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA <i>Jacob L. Mey</i>	49

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

Maria Carmen Aires Gomes 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Izabella dos Santos Martins Mendes 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO
BRASILEIRO**

Janaina Minelli de Oliveira 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA
ATUALIDADE**

Dina Maria Martins Ferreira 101

A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”

Heloisa Marques Miguel 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

Ivone Tavares de Lucena 125

PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS	135
GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i>	137
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i>	145
SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i>	155
PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL	167
SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i>	169
OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i>	179
ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	
<i>Cibele Brandão</i>	191
COLABORADORES	201

AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

Agradecimentos

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO
E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL**

OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES

Maria Francisca de Oliveira Santos

Introdução

Neste trabalho, admitimos para a classificação dos elementos não-verbais não somente o ambiente da comunicação e a aparência do comunicador, mas também o estudo da proxêmica e do movimento do corpo ou comportamento cinestésico. Acrescentamos a isso a idéia defendida por Ekman e Friesen (1969) quanto ao *continuum* formado pelos não-verbais e verbais no estudo da interação humana. Entendemos que as contribuições dadas pela *cinésica* (sobretudo em relação aos gestos) e pela *proxêmica* (distância mantida entre os interlocutores) aos estudos interativos do discurso de sala de aula são de grande importância para a interpretação de cada momento de interação entre professor e aluno na escola.

Os gestos analisados neste trabalho são, sobretudo, aqueles que estão relacionados à fala, no que diz respeito aos seus efeitos interativos. A distância, conforme Hall (1977), é vista segundo quatro tipos: a íntima, a social, a pessoal e a pública, sendo as duas últimas as que acontecem em ambiente de sala de aula.

Entendemos que a ausência dos elementos não-verbais, sobretudo, no tocante às categorias referidas – a proxêmica e a cinésica – pode dificultar a compreensão dos sentidos transmitidos aos ouvintes, bem como não permitir que haja fácil acesso aos sinais lingüísticos dispostos em sua memória discursiva. O *corpus* é constituído por aulas filmadas em 6.ª série do ensino fundamental em escola pública na cidade de Maceió, Alagoas.

Considerações acerca da comunicação não-verbal

A comunicação é considerada uma atividade humana bastante conhecida, sendo, no entanto, pouco definida de maneira satisfatória por muitos teóricos. Isso se dá pelo fato de penetrar em várias áreas do conhecimento, propiciando o surgimento de uma visão multidisciplinar. Para Rector & Trinta (1999:8), “comunicar é manifestar uma presença na esfera da vida social. É estar-no-mundo-junto-com-outros”. Seja qual for a definição adotada para comunicação, sabemos que, quando nos comunicamos, assim o fazemos, com o objetivo principal de transmitir mensagens, que se constituem unidades do processo comunicativo.

Para Cosnier et Brossard (1984), comunicação não-verbal e verbal merecem um ponto de destaque, uma vez que antes a linguagem só era vista como um sistema arbitrário de comunicação, permitindo transmitir representações a outrem, sendo valorizada apenas em sua realização acústica. No entanto, na época contemporânea, a comunicação multicanal tem sido requerida por etnólogos, antropólogos, sociólogos, psiquiatras, entre outras especificidades, o que prova a sua plurifuncionalidade, evidenciando, assim, laços com o não-verbal.

A comunicação não-verbal é nomeada dessa maneira para denominar todos os modos com os quais a comunicação se realiza entre as pessoas, estando em presença uma das outras, com a recorrência a outros meios que não as palavras (Kendon, 1981:3). Para E. Goffman, essa linha de estudo é designada como *interação comunicativa face a face* e, para Rector & Trinta (*op.cit.*), *comportamento não-verbal*. O que admitimos, pois, é que os elementos não-verbais em quaisquer tipos de comunicação social são responsáveis pela maior parte das mensagens enviadas e recebidas, tendo os seguintes recursos para o uso dos falantes:

- a) a *paralinguagem*, que é representada por sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que, no entanto, não fazem parte do sistema sonoro da língua usada;
- b) a *cinésica*, que se refere ao movimento do corpo, como os gestos, a postura, a expressão facial, o olhar e o riso;

- c) a *proxêmica*, que se efetiva pela distância mantida entre os interlocutores;
- d) a *tacêsica*, que se concretiza pelo uso de toques na interação humana; e
- e) o *silêncio*, que se explica pela ausência de construções lingüísticas e de recursos provindos da paralinguagem (Steinberg, 1988).

Os signos verbais e não-verbais, para Ekman e Friesen (1969), podem ser codificados de diversas maneiras, devendo sua conceituação seguir um *continuum*, assim denominado: codificação intrínseca, icônica e arbitrária. Para entendermos essas denominações, é preciso ter em mente os seguintes pontos: a) é possível identificar comportamentos que possam estar entre duas dessas conceituações, não sendo, pois, um *continuum* de categorias distintas; b) é fácil encontrar exceções, uma vez que é comum destinar o comportamento verbal à codificação arbitrária e o não-verbal à intrínseca e à icônica; e c) é admissível a proximidade do código ao seu referente como traço distintivo primário entre os três tipos de codificação.

Assim, na codificação arbitrária, inexistente semelhança entre código e referente. A maioria das palavras é arbitrariamente codificada com o uso de letras que em nada se assemelham às coisas a que se referem, o que já não ocorre com relação às palavras onomatopéicas, como *zumbir* e *zunzum* que carregam aspectos dos sons que procuram descrever. Alguns signos não-verbais parecem ser codificados arbitrariamente, a exemplo dos acenos de mão feitos durante uma cena de adeus, que parecem não retratar fielmente a atividade de partida. A codificação icônica se caracteriza por manter alguns aspectos do referente, isto é, há alguma semelhança entre o código e o referente, podendo ser exemplificada com o contorno de um violão no ar para simbolizar as formas de uma mulher. Enfim, a codificação intrínseca é a que revela menor distância entre o código e o referente, como apontar ou aproximar-se de alguém que só significam o que realmente representam.

Para Ruesch e Kees (*apud* Knapp & Hall, 1999:25-26), as áreas do estudo não-verbal correspondem às seguintes categorias: a) o ambiente da comunicação, uma vez que as pessoas mudam comumente de ambiente com a finalidade de melhor atingir os seus objetivos comunicativos, da mesma forma que os ambientes podem afetar seu humor, sua escolha de palavras e ações; b) a aparência física do comunicador, por envolver o físico ou forma do corpo, beleza, altura, peso, cabelo, cor ou tom da voz, além dos odores próprios a esse comunicador; c) a proxêmica, por se voltar ao estudo da utilização e percepção do espaço social e

pessoal; d) o comportamento cinestésico, por concretizar o estudo dos gestos, dos movimentos do corpo, das expressões faciais, do comportamento ocular e da postura; e e) a paralinguagem, por estudar os sinais vocais não-verbais que circundam a fala comum.

Pelo fato de os elementos não-verbais constituírem vasto campo de estudo, deter-nos-emos especificamente em observações relativas à proxêmica (distância) e cinésica (gestos), esperando que as contribuições desses elementos associados aos verbais nos permitam fazer uma leitura da interação discursiva em aulas da 6ª série do ensino fundamental.

A análise da conversação e os não-verbais e verbais

Segundo Marcuschi (1986), a Análise da Conversação surgiu na década de 60, seguindo a linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva, tendo como objetivo principal, até meados dos anos 70, a descrição das estruturas conversacionais, além de seus mecanismos organizadores. Hoje, dados outros aspectos, como expressões faciais, entonações específicas, sorrisos, gestos, olhares, entre outros, que entram na construção do sentido do enunciado lingüístico, por ocasião das negociações interativas, os estudos conversacionais não apenas se detêm na análise das estruturas, mas também na sua interpretação. A propriedade básica da conversação é a interação, que tem como elementos constitutivos a negociação, a cooperação, a compreensão e a interpretação, diferenciando-se da conversação em si, que é uma atividade de fala na forma dialogada, cujos elementos podem ser os turnos, as trocas, as seqüências, entre outras categorias.

Quanto à tipologia das conversações, podemos dizer que há dois tipos principais de conversação: a) conversações casuais, que podem ser exemplificadas por encontros de amigos num bar, na rua, no ônibus; encontros em casa, com maior intimidade ou telefonemas pessoais e b) conversações em contextos institucionais em que os falantes têm papéis previamente definidos, em espaços como a sala de aula, o consultório, o tribunal, entre outros. Há, em relação a esses tipos conversacionais, a aplicação dos conceitos de simetria e assimetria, estando o primeiro voltado à igualdade dos papéis dos falantes na interação; o segundo, à desigualdade. O objeto de estudo deste trabalho está centrado na análise dos não-verbais e verbais que entram na constituição da interação em sala de aula.

O tratamento dos não-verbais e verbais (gestos e distância)

Para a análise dos não-verbais e verbais na interação de sala de aula, consideramos como pontos importantes neste trabalho não somente as características e funções dos não-verbais, mas também as considerações relativas aos gestos e à distância necessários à efetivação do ato interlocutivo.

Quanto às características dos não-verbais, podemos dizer, inicialmente, que o comportamento deles resultante pode perfeitamente repetir, contradizer, substituir, complementar, acentuar ou regular o verbal (Knapp & Hall, 1999:30). Assim, a repetição se dá porque a comunicação não-verbal repete, muitas vezes, o que foi dito verbalmente, servindo, como exemplo, a circunstância em que, além de dizermos onde fica uma casa, apontamos com o indicador para o local. Pode acontecer também que o comportamento não-verbal contradiga o verbal, o que pode ser exemplificado pela circunstância em que alguém acaba de fazer uma péssima apresentação e, quando questionado para opinar a respeito, diz que foi maravilhosa com voz e expressão não correspondentes ao que as palavras dizem.

Por outro lado, mensagens verbais podem ser substituídas por comportamentos não-verbais. Nesse sentido, verificamos também o contrário, isto é, quando os elementos não-verbais são insuficientes para a transmissão de mensagens, é ao verbal que recorremos. O comportamento não-verbal pode ainda, em muitos casos, operar modificação ou aprimoramento nas mensagens verbais, o que faz com que essas mensagens sejam mais bem compreendidas. Isso pode ser exemplificado quando o aluno se mostra embaraçado enquanto fala com seu professor acerca de seu mau desempenho nos trabalhos, exibindo comportamento não-verbal que complementa o verbal.

Ainda nesse sentido, partes da mensagem verbal podem ser acentuadas pelo comportamento não-verbal. Isso pode ser exemplificado, quando, em situação de uso do verbal, o professor acentua um enunciado acompanhado de um olhar de censura. Finalmente, os comportamentos não-verbais estão intimamente relacionados ao processo de simetria conversacional, de tal sorte podendo contribuir para uma regular troca de turnos entre os interactantes. Segundo Knapp & Hall (*op.cit.*: 39), esses comportamentos são usados "para regular o fluxo verbal entre os interlocutores".

Para Argyle (1988), os signos verbais e não-verbais exercem funções que podem ser agrupadas em quatro tipos: a) *função semântica*, que se explica pelo fato de os signos não-verbais poderem substituir,

explicar, contradizer ou modular a mensagem verbal; compreende, pois, o relacionamento que existe entre o signo não-verbal e o verbal; b) *função sintática*, que é assim denominada por referir-se ao relacionamento entre os signos, a exemplo do uso dos não-verbais para segmentar as unidades interativas; c) *função pragmática*, que se caracteriza por indicar características ou estados pertencentes a seus usuários ou interagentes; assim entendendo, os signos não-verbais não somente podem fornecer informações concernentes às características relativas ao sexo e à idade, a aspectos da personalidade do grupo social e das atitudes dos interagentes, mas também podem mostrar as reações às falas do outro; e f) *função dialogal*, que se estabelece pela maneira como os interagentes coordenam suas ações, podendo esse movimento regular os momentos de falar ou concentrar-se em um tipo de relacionamento interativo.

Segundo Knapp & Hall (1999), há dois tipos específicos de gestos: os independentes da fala e os relacionados à fala. Os primeiros são conhecidos como *emblemas* ou *gestos autônomos*, representados de maneira geral por uma ou duas palavras ou mesmo por uma frase. Podem normalmente ser usados quando os canais se encontram bloqueados ou falham, ou mesmo durante uma interação verbal. Geralmente esses gestos são produzidos com a mão, havendo, no entanto, situações em que franzir o nariz pode significar enjôo, sensação de mau odor, entre outros sintomas. Por não terem significações equivalentes nas sociedades, é necessário que façamos o estudo da cultura em que esses gestos acontecem a fim de não haver má interpretação no seu uso durante as interações verbais.

Quanto aos gestos relacionados à fala, também denominados *ilustradores*, observamos que aparecem ligados ao ato de fala ou o acompanham. Há quatro tipos diferentes, quais sejam: os que ligam o referente ao falante de maneira concreta ou abstrata; os que indicam haver um relacionamento entre o falante e o referente; os que agem para pontuar de maneira visual o discurso do falante e, finalmente, os que auxiliam a regular e organizar o diálogo entre os que interagem.

Quanto à distância, afirmamos sua importância na comunicação humana, pois tanto pode regular a interação como pode propiciar o surgimento do conflito social. É a proxêmica que estuda o uso do espaço na comunicação humana. Para Hall (1977), o nosso território íntimo admite quatro áreas: a) *a distância íntima*, caracterizada pelo envolvimento físico de ambos os participantes, justificado pela proximidade e pelo contato dos corpos; b) *a distância pessoal*, explicada por haver certa intimidade para o cumprimento formal ou a proximidade social em eventos; c) *a distância social*, entendida como aquela em que

há gradações, aparecendo em transações comerciais ou encontros com pessoas importantes; e d) a *distância pública*, vista como aquela que acontece em comícios e conferências, pelo fato de o registro da língua ser formal e a voz ser lenta e pausada. No espaço de sala de aula em análise, o professor circula entre a pessoal e a íntima para o exercício das suas funções interativas.

Como a categoria relativa ao espaço não se efetiva sem a do tempo, entendemos, como E. Hall (1977), que esse tempo fala, como as pessoas o fazem. O nosso corpo se move não somente no tempo, mas também no espaço, sendo essas categorias as que atuam em quaisquer formas de comunicação e as que integram o comportamento humano. A área de estudo voltada para a categoria temporal chama-se *cronêmica*.

Quanto à maneira cultural de lidar com o tempo, observamos que existem dois modos diferentes: o *monocrônico* e o *policrônico*. O primeiro é próprio de pessoas que compartimentalizam o tempo e que programam uma coisa de cada vez. É o tempo dos povos nórdicos. O segundo se justifica pelo fato de as pessoas exercerem várias atividades simultaneamente, como, por exemplo, uma pessoa que assiste à televisão ao tempo em que atende ao telefone, enquanto chupa uma bala e penteia o cabelo. Tal comportamento aparece principalmente nos povos latino-americanos. Isso também foi observado nas aulas filmadas do ensino fundamental no momento em que a professora, para proceder à exposição do tópico discursivo, coça o cotovelo, gesticula com um dos braços e inclina a cabeça em direção ao outro, indicando que está de acordo com o que o aluno dissera. Acrescentemos a essas ações a própria exposição verbal que já é uma atividade lingüística muito importante à concretização das interações em sala de aula.

Os gestos e a distância no discurso de sala de aula: resultados preliminares

Nos fragmentos analisados a seguir, fizemos uma análise das contribuições dadas pelos elementos não-verbais e verbais em aulas de ciências do ensino fundamental, tendo como princípios norteadores: a) o comportamento não-verbal pode exercer ações sobre o verbal, como acentuá-lo ou substituí-lo, entre outras; b) os signos não-verbais e verbais exercem a função semântica, a sintática, a pragmática e a dialogal; c) os não-verbais caracterizados pelos gestos estão geralmente relacionados à fala; e d) os aspectos alusivos a tempo e a espaço são fundamentais para a leitura das interações discursivas em sala de aula.

MOMENTO INTERATIVO 1 [página 2 do corpus]¹

((L1, com os braços cruzados, ao lado do quadro, começa a aula relatando o assunto visto na aula anterior.))

L1 – como a gente viu no primeiro dia de aula... durante toda a 6ª série a gente vai estudar o quê?... os?

L2L3L4... os seres vivos...

L1 – isso... os seres vivos... na /.../ o nosso último assunto foi a característica dos seres vivos... foi ou não foi?

L2L3L4... fo:i...

L1 – então a gente viu que os seres vivos apresentam características... muitas características... e de cada característica dessas... define por si só o que é vida... né?... o que é o ser vivo... foi isso?

L2L3L4... fo:i...

((no meio dessa última fala, L1 descruza os braços e começa a gesticular. Depois da resposta coletiva L1 caminha para uma posição mais central, em direção ao quadro, como se fosse escrever algo, porém, antes vira-se para a turma e diz))

O fragmento em estudo indica que a professora se coloca em frente à turma, junto ao quadro, para iniciar sua aula, ocupando um lugar que, nas relações sociais, é exclusivo de quem exerce a docência em sala de aula. Posicionando-se dessa maneira, mantém os braços cruzados, em posição de repouso, caracterizando uma situação de tranquilidade, justificada por ser o início da aula. Nessa posição, a professora faz referência ao assunto da aula anterior, buscando na memória do aluno respostas que comprovem ter apreendido o conteúdo já ministrado. Isso é observado quando diz: *como a gente viu no primeiro dia de aula... durante toda a 6ª série a gente vai estudar o quê?... os?*. Os alunos participam da aula, tentando construir o sentido proposto pela professora em relação aos seres vivos. Observamos que, ao indagar sobre o tópico da aula, essa professora sempre o faz com os braços cruzados, desfazendo-se dessa posição no início da explicação do assunto, o que evidencia que os gestos são essenciais a esse momento interativo. Eles complementam os elementos verbais, servindo de suporte para a melhor apreensão do conteúdo informativo.

MOMENTO INTERATIVO 2 [página 5 do corpus]

(Carlos Lineu)... ele dividiu... ele classificou os seres vivos em sete grupos... em classificação ou categorias... grupo de classificação... vamu por grupo de classificação ou categorias grupo de classificação... ((L1 usa bem as mãos enquanto fala)) são sete grupos de classificação... reino... filo... classe... ordem... gênero... família e espécie... são sete grupos... o maior deles é o reino... outros dizem existem cinco reinos dos seres vivos... antes existiam só dois... dois grandes reinos... o reino animal e o reino vegetal... como os seres não se encaixavam bem num grupo nem ni outro eles fizeram uma nova classificação de cinco reinos... que são... reino animal... vegetal... o reino dos fungos e grupo dos protistas e o grupo dos moneras... é o maior grupo de classificação dos seres... é o reino...

O exemplo acima nos mostra uma situação de sala de aula, durante a qual, a professora, ao afirmar verbalmente os sete grupos segundo os quais os seres vivos estão classificados, faz corresponder a cada signo verbal (reino, filo, classe, ordem, gênero, família e espécie) a contagem em ordem crescente nos dedos da mão, sendo toda essa gesticulação acompanhada pelos olhos fixos dos seus alunos. Essa atitude indica claramente a associação do não-verbal ao verbal, tendo aquele a função principal de regular e organizar o diálogo. Observamos ainda igual atitude, quando a professora afirma que antes só existiam dois reinos: o animal e o vegetal. Ao enunciar o primeiro reino, a professora conduz a mão para um lado; ao proferir o segundo, a mão é levada para o lado oposto, em um total de dois movimentos, pois dois são os reinos por ela enunciados. Como esses reinos não comportavam todos os seres, foi criado o grupo de cinco, como animal, vegetal, fungos, protistas e moneras, havendo novamente a correspondência entre a enunciação da palavra e a gesticulação indicativa com o dedo, num total de cinco. A cada gesto corresponde um tipo de reino destacado pela professora. Esse momento interativo evidencia claramente que os gestos facilitam a compreensão, bem como ajudam os ouvintes a terem acesso aos sinais lingüísticos que estão dispostos em sua memória discursiva.

Considerações finais

É indiscutível a circulação dos estudos da linguagem nas áreas afins do conhecimento, razão por que psicólogos, antropólogos, filósofos, professores, dentre outros profissionais, centram-se nos estudos relativos à comunicação não-verbal e verbal. Acrescentamos a isso os reforços providos da comunicação multicanal que vai exigir dos interlocutores maior acuidade na leitura e análise fornecidas pelos não-verbais, sobretudo no que diz respeito aos gestos e à distância. Quanto aos primeiros, os critérios seguidos para sua interpretação têm permitido afirmar que ratificam, acentuam e justificam os verbais, além de exercerem funções diferentes, como a pragmática, a dialogal e a semântica, contribuindo para que se estabeleça a interação em quaisquer situações da vida em sociedade.

No que diz respeito à proxêmica, observamos ser fundamental nas relações humanas, pois sempre nos aproximamos ou nos distanciamos das pessoas com quem convivemos nas relações comunicativas dos diversos grupos sociais. Os estudos da distância são necessariamente associados aos do tempo (cronêmica), dado o caráter indissociável dessas categorias.

Assim explicado, podemos dizer que os não-verbais, representados pela distância entre os interlocutores e pelos gestos produzidos pelos parceiros da comunicação num tempo específico, permitem que se instaure a interação nos diversos momentos de sala de aula de ciências do ensino fundamental.

Notas

¹ *Corpus* com aulas de ciências da 6ª série do projeto de pesquisa intitulado "A importância dos elementos não-verbais e verbais no discurso de sala de aula do ensino fundamental", aprovado pelo PIBIC/CNPq.

Referências bibliográficas

ARGYLE, M. *Bodily communication*. London: Methuen, 1988.

COSNIER, J. & BROSSARD, D. Communication non verbal: co-texte ou contexte? In: COSNIER, J. & BROSSARD, A. (Orgs.). *Textes de base en Psychologie: la communication non verbal*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1984.

EKMAN, P. & FRIESEN, W.V. The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage, and coding. *Semiótica*, 1, 49-98, 1969.

HALL, E.T. *A dimensão oculta*. trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

KENDON, A. *Nonverbal communication, interaction and gesture*. The Hague: Mouton, 1981.

KNAPP, Mark L. & HALL, Judith A. *Comunicação não verbal na interação humana*. trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: JSN, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

RECTOR, Mônica & TRINTA, Aluizio Ramos. *Comunicação do corpo*. São Paulo: Ática, 1999.

STEINBERG, M. *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual, 1988.

COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade
Presbiteriana Mackenzie (SP)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Colaboradores

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Dupligráfica Editora
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924
e-mail: dupligráfica@terra.com.br

**OUTROS LANÇAMENTOS DA
EDITORA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Minhas cartas e as dos outros

(volumes 1 e 2)

Carlos Lacerda

A crise do modelo francês

Denis Rolland

**Agrotóxicos: mutações, câncer &
reprodução**

Cesar Koppe Grisolia

Introdução à cinemática relativística

José de Lima Acioli

Novos estudos sobre línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Simmel e a modernidade

(2.^a edição)

Jessé Souza e Berthold Öelze

(Organizadores)

**A pós-graduação no Brasil: formação
e trabalho de**

mestres e doutores no país

(volume 1 - 2.^a edição)

Jacques Velloso (Organizador)

**Psicologia e conhecimento: subsídios
da psicologia do desenvolvimento
para a análise de ensinar e aprender**

Maria Helena Fávero

Itinerários de Barbara Freitag

Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa

Bicalho de Sousa e Maria Francisca

Pinheiro Coelho (Organizadores)

Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368